

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE SOCIOLOGIA
NO ENSINO MÉDIO/EAD/ENCANTADO/RS.**

**RESGATE ORAL DA MEMORIA CULTURAL E
SOCIAL DE MORRINHOS**

BRUNA EVALDT BORGES

Santa Maria, RS, Brasil

2015

RESGATE ORAL DA MEMORIA CULTURAL E SOCIAL MORRINHOS

por

Bruna Evaldt Borges

Artigo apresentado ao Curso de especialização do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Sociologia no ensino médio EAD/encantado/RS, Área de ciências sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau no curso referido a cima.

Orientador: Prof. Dr^a Leonice Aparecida De Fátima Alves Pereira Mourad

Santa Maria, RS, Brasil

2015

RESUMO

O projeto “Resgate oral da memória cultural e social de Morrinhos”. É um trabalho de conclusão do curso de especialização em ensino de sociologia para o ensino médio da Universidade Federal de Santa Maria e tem como objetivo proporcionar aos alunos o conhecimento sobre a formação da comunidade local onde estão inseridos, estimulando o desenvolvimento do senso crítico por meio da reflexão referente à realidade e os meios que desenvolveu a comunidade, mostrando a transformação da local ao longo dos anos, realizando um paralelo entre o passado e presente a fim de proporcionar aos estudantes da disciplina de sociologia da educação básica um olhar diferenciado em relação à disciplina referente.

Palavras chaves: Colonização alemã, morrinhos; memória oral, história oral, formação da sociedade.

El proyecto “Rescate oral de La memoria cultural y social de Morrinhos”. E un proyecto de conclusión del curso de especialización em enseñanza de sociologia para La enseñanza media de La Universidad Federal de Santa Maria y tiene como objetivo proporcionar a los alumnos el conocimiento sobre la formación de la comunidad local donde están insertados, estimulando el desarrollo Del senso critico por medio de La reflexión referente a la realidad y los medios que desarrolló La comunidad, mostranso La transformación de La sociedad AL largo de los años, realizando um paralelo entre el pasaso y presente em fin de proporcionar a los Estudiantes de La disciplins de sociologia de La educación básica uno mire diferenciado em relación a la disciplina referente,

Palabras clave: Colonización alemana, Morrinhos, Memoria oral, historia oral, formación de La sociedad.

1. Organização e desenvolvimento

O projeto será desenvolvido por professores e alunos do ensino médio público, da Escola Estadual Básica Sagrada Família, abrangendo aproximadamente cerca de 100 alunos, contando com seis turmas divididas nas três séries de ensino.

Escola Estadual Básica Sagrada Família.

Rua João Francisco Becker s/nº

Centro Morrinhos Dos Sul. Rs

Cep:95577.000

As atividades serão desenvolvidas na cidade de Morrinhos do Sul, localizado no interior do litoral norte gaúcho, que conta atualmente, com uma população de aproximadamente 3.182 habitantes, conforme os dados do IBGE de 2010, numa área que abrange 172 km quadrados. Caracteriza-se como um município agrícola com cerca de 630 propriedades multifundiárias que praticam uma razoável diversidade de produtos, tendo como principais a banana, seguida do arroz, cana de açúcar, hortifrutigranjeiros, produção ecológica e a pecuária.

Por se tratar da única escola de ensino médio da cidade, é formada por estudantes de diferentes partes do município e se encontram em uma situação econômica bem favorável, pois não se identifica casos de dificuldades financeiras, e em grande parte são filhos de agricultores, donas de casa e pequenos comerciantes. Em decorrência dos fatos citados acima podemos dizer que Morrinhos do Sul é uma cidade privilegiada, pois não conta com casos de violência nem de pobreza.

As oficinas, serão dirigidas aos jovens do ensino médio, serão estruturadas seguindo a logística da construção da sociedade local, através da oralidade e de matérias disponibilizados será feita a ligação entre o passado e o presente mostrando aos alunos como se desenvolveu a construção da comunidade onde estes estão inseridos. Este projeto será desenvolvido em momentos pedagógicos distintos; seguindo uma linha sociocultural.

1.1 Primeiro momento

Em um primeiro momento será efetuado uma apresentação do tema abordado, buscando trazer o resgate parcial da sociedade e a importância dela, para a construção do indivíduo que está em total processo de formação e transformação de conhecimento e cidadania. Neste momento constituirá do desenvolvimento das oficinas “Oficina do processo histórico de colonização” e “oficina Imigração germânica em Torres”

A) Oficina do processo histórico de colonização

Neste momento o mediador dividirá as turmas em quatro grupos, onde os dois primeiros serão novamente divididos em novos pequenos grupos com média de quatro pessoas cada, solicitando que eles pesquisem através de materiais didáticos com o auxílio de professores como se desenvolveu o processo histórico de colonização germânica na região, voltando no tempo eles deverão buscar dados de como estava a situação social e econômica da Alemanha no século XVII, os motivos, como explosão demográfica, crescimento populacional, a revolução industrial que surge ao mesmo tempo em que aumenta o lucro da burguesia, deslocando muitos artesãos e proporcionando um prejuízo instantâneo aos pequenos colonos com o avanço do capitalismo que acaba ocasionando que estas pessoas deixem tudo e vão em busca do “paraíso” prometido. Após a pesquisa concluída os alunos deverão apresentar o resultado através de uma apresentação expositiva dialogada.

Em um segundo momento os demais dois grupos deverão seguir com a pesquisa a partir do momento de como estes imigrantes vão chegar ao Brasil e posteriormente, o porquê da escolha do estado do Rio Grande do Sul, que pelo fato de ter sido a extremidade mais meridional das possessões portuguesas, sua ocupação e seu povoamento se deu por último, onde até aquele momento o estado fora o domínio exclusivo dos índios, ou como se costuma dizer aqui, dos bugres.

A incumbência de recrutar contingentes de agricultores para a colônia do Rio Grande do Sul coube ao Major Jorge Antonio de Schaeffer, que trouxe em julho de 1824 o primeiro grupo de alemães para São Leopoldo, diga-se de passagem, de forma enganosa, pois lhes acenava uma série de vantagens. A primeira leva de imigrantes até foi privilegiada, tendo recebido a maior parte do que fora prometido. Já a segunda leva, que chegou em novembro de 1824, encontrou sérios problemas, sendo o principal delas a inexistência de demarcação de terras.

É importante lembrar que no Rio Grande do Sul, o estabelecimento de imigrantes não visava substituição do trabalho escravo, mas sim a colonização das terras meridionais.

Depois que chegavam ao Estado, os colonos recebiam ferramentas, sementes e dinheiro, com taxas de juros exorbitantes, e pequenos benefícios não chegavam às mãos dos colonos. Era comum constatar que o “paraíso” prometido pelas pessoas europeias na realidade não passava de um verdadeiro “inferno”.

Após visitar a então guarnição de Torres em 1824, o então Visconde de São Leopoldo e presidente da Província de São Pedro, constatou a importância do lugar para a formação de um novo núcleo de povoamento alemão.

O presidente da Província do Rio Grande do sul, José Pinheiro, solicitara permissão ao ministro, numa carta de 22 de abril de 1824, caso chegassem imigrantes em numero suficiente para criar uma colônia na região de Torres. O presidente apontou como argumento “Torres se constitui de fato na porta de entrada norte do estado. Há pouco tempo, quando viajei pela região, encarreguei um oficial para elaborar um plano de colonização para área que parecia própria para tal finalidade” [...]. (Arthur Blasio Rambo, 1999, p.64).

No ano de 1825 chegou mais um navio com imigrantes alemães. O veleiro encalhou nos bancos de areia de Mostardas, de onde os naufragos provavelmente seguiram por terra ate São Leopoldo. Com estes imigrantes foram criadas as futuras colônias alemãs do litoral norte.

Em setembro de 1826, o Tenente Coronel Francisco P. Soares foi a Porto Alegre buscar os novos moradores do distrito. Quem já se encontrava em São Leopoldo, mas estava disposto a mudar, recebia enxadas, foices, panelas e gado. O grupo inicial era constituído por 312 pessoas, sendo 77 famílias e 40 solteiros a avulsos. Neste meio tempo, chega a Porto Alegre outra leva de mais 66 imigrantes que também é enviada a Torres. Vale salientar que o numero de pessoas não é exato e muda de uma fonte para a outra. O material acima será distribuído aos alunos a fim de servir de auxilio para a continuidade do projeto.

B) Oficina Imigração germânica em Torres

Realizada esta etapa os alunos receberão a visita da professora Ilva, esta é uma professora de história e tem vários estudos referentes ao assunto que esta sendo abordado, a mesma fará uma palestra contando que os colonos partiram da capital á bordo de cinco barcos em fins de outubro de 1826, descendo o Guaíba, entraram na Lagoa do Casamento chegando a Capivari em três de

novembro. Neste local se fez a transição para 16 carretas que haviam sido requisitadas a vila de Santo Antônio. A caravana seguiu pelos campos em direção ao rio Tramandaí. A mancha prosseguiu pelos campos do litoral, antiga via onde atualmente se encontra a estrada do mar (rodovia RS 389).

Finalmente, em 17 de novembro de 1826, moídos pelo cansaço, chegaram à localidade de Torres, onde as terras sequer haviam sido demarcadas. Somente três meses depois é que veio um agrimensor. Terminada a definição dos lotes, à margem do rio Mampituba, o agrimensor se deu conta de dois erros: o primeiro, que haviam chegado 421 imigrantes e a terra comportava apenas 200, pois a outra margem pertencia ao estado vizinho de Santa Catarina, e o segundo, que se tratava de terras sujeitas à calamidades e inundações.

Buscando uma solução para assentar estas famílias, se percebeu que um grupo de pessoas eram protestante e que junto a eles possuíam um pastor espiritual (Voges) e um médico (Dr Zinckgraff). A solução encontrada foi acomodar estes colonos que “não” precisavam serem socorridos pela cura de Torres, distante oito léguas, nas margens do Rio Três Forquilhas. O vale era acessível, e, em julho de 1827 as famílias protestantes começaram a ocupar os seus lotes.

Os colonos católicos, que necessitavam ser socorridos pelo “clero” de Torres foram estabelecidos as margens do Rio Mampituba. No fim do ano de 1826 choveu muito, sendo que o rio alagou e a demarcação atrasou ainda mais. Os imigrantes começaram a ficar impacientes com a situação, sendo que alguns queriam votar para São Leopoldo. Apavorados, os alemães fugiram para os morros próximos, à leste da Lagoa do Morro do Forno, ficando no vale apenas algumas famílias como os Müller e os Bauer, entre outros.

Os alemães que fugiram para os morros próximos negaram-se terminantemente a voltar para o vale após a enchente. Em dezembro de 1826, teve passagem pela região o Imperador D. Pedro I, e os alemães aproveitaram a oportunidade e pediram ao monarca uma gleba de terra onde seria construída a sede comunitária dos mesmos. O imperador atendeu ao pedido com a doação de 25 hectares de terra para a finalidade. É lógico que a doação dessa terra não deve ter-se dado imediatamente. Mas em sua homenagem, deram-lhe o nome de Colônia Dom Pedro de Alcântara. Só mais tarde, ao saber que São Pedro era padroeiro do Rio Grande do Sul e sendo estes católicos, rebatizaram como “Colônia De São Pedro De Alcântara”.

Praticamente um ano depois da chegada dos imigrantes em novembro de 1827, o agrimensor foi procurar terras mais enxuta, mais o grande problema era a inexistência de estradas.

A área onde foram reassentados ficava entre as lagoas do Morro do Forno e a do Jacaré, porem ficava cercada de mato e não havia estradas de acesso. As terras tituladas para os colonos eram poucas para tantas famílias e por isso, já na primeira geração se tornou bastante

escassa. A solução novamente foi ir à procura de novas terras, conseqüentemente provocando um êxodo em direção da costa da serra. Os primeiros a saírem em busca destas novas terras foram às famílias Borges (Borger), Schawanck, o Carlos (Karl) os Schütz e os Evaldt. Estabelecendo se novamente entre onde atualmente ficam as comunidades de Morro Azul e Morrinhos.

Logo que chegaram, iniciaram o desmatamento da área e as plantações. Tudo era muito difícil. A mata era cerrada, sem estradas. Os senhores das matas eram os macacos, coati, pacas e veados. O som era orquestrado pelos macucos, saracuras, tucanos e pombos. A assistência que recebiam do governo era praticamente nula. Jogados á própria sorte, os colonos alemães viram-se obrigados a enfrentar sozinhas as dificuldades que a região apresentava. Não havia acesso, de comunicação com a “civilização” que era precária, o socorro às doenças era feito por eles mesmos. Escolas não existiam e as crianças aprendiam em casa com os pais algumas palavras e as quatro operações. Inicialmente, os primeiros moradores deram ao local o nome de Morro Redondo, por ali haver um morro em formato de esfera.

C) Início da sociedade local

Adormecida, a pequena e pacata vila de Morro Redondo, nome dado inicialmente ao local, Vivia os seus dias completamente desligada do resto do mundo, numa tranqüilidade quase assustadora. Fruto da colonização alemã de 1826, os imigrantes devido ao grande isolamento ficaram quase perdidos no tempo, sofrendo os seus habitantes com isso de um marasmo incontrolável. Encravada nas encostas dos morros, aquela aprazível localidade mais parecia uma bela adormecida à espera de seu príncipe encantado que viesse para despertá-la.

Por circunstâncias já relatadas acima, esses imigrantes foram atirados à própria sorte o que os levou a lutarem a penas pela sobrevivência da própria vida. Quem lhes estendeu a mão foram os poucos caboclos que aqui já viviam. Quando estes se depararam com indivíduos loiros, de olhos azuis completamente perdidos e desnorteados no meio da mata, ensinaram-lhes a fazer casas de pau a pique (paredes de trama de varas com barro), formando uma pequena vila de casebres de barro. Cobertos com esteiras trançadas de palha de oiricana (uricana).

Também foi com estes mesmos caboclos que aprenderam a fazer balaio, pilão para preparar a canjica, descascar o arroz e tantas outras utilidades que o pilão tinha. Aprenderam a caçar, pescar, e utilizar erva como chá e remédios para fins medicinais. Em fim foi estes caboclos que prestaram a assistência a este grupo de pessoas que praticamente foram ignorados pelo governo provincial.

Vale salientar que não se sabe a data exata que os colonos saíram da Colônia São Pedro (Atual município de Dom Pedro de Alcântara) em direção da costa da serra, iniciando povoado de Morro Redondo, pois não encontramos documentos registrando este fato, da mesma maneira que até por volta de 1930 também pouco se sabe o que ocorreu na vila, pois os relatos deste período são praticamente nulos. Então começaremos um trabalho de resgate da memória social, mas recente, uma pesquisa de campo será realizada com o objetivo de construir um memorial da comunidade, para que gerações futuras saibam através de cartas fotos ou livros como a nossa geração se comportava socialmente. As pessoas que serão entrevistadas contarão diversos casos de como participaram da construção deste local.

Algumas histórias já são bem conhecidas como as do seu Jusa que lembra do isolamento da vila, e que, o comércio era pouco praticamente não existia, e o que tinha era um ou dois botecos, e por volta do ano de 1950 o senhor Jorge Faustino Borges seu pai era um dos únicos que possuía uma pequena selaria nos arredores da praça



Faustino com seus filhos (arquivo pessoal)

E que também as famílias plantavam praticamente tudo o que consumiam havia a troca de produtos entre as mesmas.

Seu Quida, como é conhecido na comunidade lembra-se de algumas pessoas que eram influentes na localidade como senhores Gustavo Raupp, João Becker, Antônio Augusto, Jose Antônio Webber, Francisco Jose Webber, Pedro Antônio Webber, Antônio Policarpo, Jose Leffa estes homens já tinham alguma idade quando a fonte era ainda criança. Muitos destes atualmente viraram nome de ruas do bairro.

No momento que o local começou a crescer se sentiu a necessidade de construir uma igreja e um salão para as festas, pois inicialmente só tinha igreja na Colônia e posteriormente

no Morro Azul, aonde os colonos iam a cavalo ate uma das duas localidades uma vez por mês para participar do momento religioso.

É neste momento que se tem uma divergência quanto ao local da construção, pois a família Raupp queria que a obra fosse construída em suas terras ficando longe do pequeno centro que já tinha se formado, então as famílias Becker, Policarpo e os Carlos decidiram em comum acordo que esta ia se construída mais para o centro, e assim em 1934 foi construída a primeira capela de madeira com um pequeno salão nos fundos, mais tarde este mesmo salão passou a servi de escola em virtude do aumento da demanda estudantil.

Os primeiros padres que passaram por aqui eram alemães. Pertencente á congregação dos missionários da Sagrada Família e de origem alemã Padre Henrique veio para o Brasil em 1921. Depois de passar por várias paróquias do Brasil e do estado, foi nomeado pároco da Colônia São Pedro no município de Torres, sendo o primeiro a prestar assistência à comunidade local. Existem relatos que Pedro um dos primeiros a chegar à região e ficou apavorado com o atraso cultural que vivia aquele povo.

Em 1939. Pe Henrique foi transferido para Santiago, onde faleceu em 1946. Para sucedê-lo veio o Pe Jorge Anneken que juntamente com mais três padres igualmente germânicos ficaram na região ate 1942. Por serem padres alemães e devido à segunda guerra mundial não podiam ficar no litoral, onde poderiam desenvolver uma possível espionagem em favor da Alemanha. Por essa ideia que certamente deve ser considerada ridícula e absurda foram transferidos para o interior do estado, dando lugar a padres brasileiros vindos da diocese de Caxias do Sul.



Padre Jorge com o bispo e os demais padres de nome ignorado (fonte arquivo pessoal)

Já o senhor Mario Webber se lembra dos casamentos que eram um evento muito esperado por todos como no início não havia igreja e o deslocamento de padres era muito difícil, os noivos juntamente com os padrinhos iam até a igreja mais próxima à cavalo onde o padre realizava a cerimônia, pela distância os noivos saíam antes do clarear do dia, e quando retornavam para casa a família e convidados esperavam com uma grande festa, que ia tarde a dentro sempre regada a muitas comidas, vinhos, cachaça e doces.

As festas eram um grande evento, pois as famílias começavam a chegar na sexta-feira após ao meio dia, vinham em carros de bois com toda a família em cima, as mais bem financeiramente possuíam casas de festas e as demais acampavam ou se acomodavam na casa de algum parente, a festividade sempre iniciava com a missa sendo que logo após tinha a janta onde as pessoas faziam uma grande partilha de alimentos, sendo a principal comida era a galinha recheada que as mulheres “sestavam” durante um longo tempo aguardado este momento, juntamente com a rosca feita no forno a lenha alimento até hoje consumido em grande escala na cidade. As comemorações se iniciavam sábado a tarde, prosseguiram no domingo onde depois do almoço era o momento mais aguardado pelos jovens, o grande baile que começava por volta das três da tarde e tinha seu término um pouco antes do anoitecer, quando as famílias começavam a retornar para suas residências, muitos casamentos e histórias nasceram neste ocasião. Diferentes pessoas lembram-se deste fato como um evento muito bonito onde os valores familiares ainda eram respeitados. A rua lateral da igreja contava que era conhecida como a Rua dos Carlos em virtude da maioria dos moradores da pertencem a esta família de grande posse, atualmente rua recebe o nome de Antônio Policarpo Filho.

Também era frequente as pessoas fazerem serenatas e ternos de reis, como forma de lazer seu Quida conta que certa vez eles resolveram fazer uma serenata na casa da dona Zarta uma mulher que morava na praça onde atualmente mora o seu Jusa, gaitas, violões e muita alegria acompanhavam estes jovens que após serem recebidos pela dona da casa e seus filhos ficaram todos na rua festejando, na empolgação do momento um jovem resolveu pegar uma pequena arma que ele tinha juntado consigo e atirar para cima, mais pelo acaso do destino a bala acertou o braço de um dos filhos da senhora, a festa acabou na hora os rapazes imediatamente pegaram seus cavalos puseram Manuel em cima e levaram até Três Cachoeiras onde havia um médico doutor Pain Cruz, que possuía seu consultório onde hoje fica o asilo. Como a especialização do mesmo era a obstétrica nada pode fazer por Manuel, apenas deixou em observação por cerca de trinta dias, vendo a piora do caso, familiares o transferiram para a

Colônia em uma paviola a viagem durou cerca de uma semana quando chegou uma cirurgia foi realizada imediatamente, pois a infecção tinha se alastrado, a bala não foi retirada, e após um longo período o jovem recebeu alta para vim para casa. Não se sabe se foi sorte ou o que foi mais este cidadão viveu ate poucos anos atrás falecendo com cerca de 90 anos.

A educação também é outro fato relevante, pois escolas não existiam, os pais que tinham um pouco mais de conhecimento ensinavam os filhos em casa as quatro operações básicas de matemáticas, em 1931 surgiu uma das primeiras escolas na casa de seu Gustavo Raupp, onde os alunos escreviam em pedras em pedras em virtude de não terem cadernos. Mais tarde surgiu na região o professor Bernardo este era pago pelo governo para dar aula para as crianças apenas as famílias mais ricas mandavam seus filhos para a escola que funciona na casa do mesmo. Conta-se que este era muito rígido, certa vez um aluno por não conseguiu resolver um exercício de matemática correto ele pôs o menino de joelho no milho com trinta chapeeis de palha na cabeça para pensar e este não podia sair do local ate a conclusão exata da atividade, deixando o aluno traumatizado para o resto da vida. Também contasse que quando as gurias terminavam as atividades ele sempre pedia para elas irem à cozinha lavar louça ou cuidar de seus filhos pequenos. Com o aumento da demanda estudantil foi necessário um novo local para os estudos, então a igreja cedeu o espaço do pequeno salão comunitário, neste momento o corpo docente recebe novos professores como a dona Lídia Borges, as aulas eram muito confusas, pois não se havia a divisão por serie, e muitos alunos caminhavam ate oito quilômetros a pé para conseguirem chegar ao local de estudo, são importantes lembrar que ia somente ate o quinto ano, quando o aluno concluíá esta etapa o estudante estava praticamente formado. Aqueles que saiam para estudar fora quando concluíam o nono ano poderiam voltar habilitados a serem professores, pois tinham ido ao nível máximo do que era oferecido na época. Mais tarde do ano de 1958 a igreja construiu um novo prédio de alvenaria no local do pequeno salão de madeira. Então moradores doarão ao governo municipal e mais tarde ao estado um terreno e com os restos da madeira foi construída a primeira escola oficial, em homenagem a comunidade que foi a principal incentivadora escolar foi decidido por o nome da escola de Sagrada Família, pois esta era a padroeira da capela. Esta escola existe atualmente se chamando Escola Estadual Básica Sagrada Família, atende por volta de 300 alunos nos três turnos. E é esta mesma em que o projeto será aplicado. Seu Bernardo se matou em 1990, em virtude de uma depressão que possuía se atirou no rio que passava nos fundos de sua residência.

No momento que os colonos aqui chegaram já havia a produção de cachaça e o cultivo da banana não se sabe quando começaram a se adaptarem ao modo de vida.

O transporte era muito escasso o que tinha eram mulas, cavalos, e carro de boi, a escoação agrícola ocorria deste modo, os carros eram carregados e as pessoas levavam cerca de um dia para saírem daqui e ir ate Santo Anjo onde tinha o Porto este era um dos grandes empreendimentos da região possuía cerca de quatro armazéns grandes e pequenas embarcações que levavam a produção para a capital... Infelizmente este porto entrou em decadência com a construção da BR 101, e hoje apenas vive na memória das pessoas. Com a modernidade e a abertura das estradas surgiram os primeiros veículos, os carros eram geralmente de posse da igreja, e os caminhões que aos poucos foram substituídos os carros de boi vinham como uma espécie de roda tracionada a fim de se aventurar pelos morros.

Durante uma semana a escola recebera diariamente a visita de pessoas importantes como as citadas acima e demais que quiserem contar para os alunos relato vividos ao longo do tempo, também será arrecadados fotos, roupas, matérias que eram usados como feramentas entre outros objetos para ser montado uma exposição na semana do município.

1.2 Segundo Momento

D) E hoje como esta a Morrinhos?

Como se sabe Morrinhos continuava sua luta, atravessando e vencendo muitos obstáculos.

A nossa região é, seguramente uma das mais belas. Em uma faixa estreita de terra, temos serras, morros, vales, rios e as lagoas e também uma visão privilegiada do oceano atlântico. Dificilmente em outro lugar e um espaço tão pequeno se encontrarão todas essas belezas.

Pertencendo ao município de Torres, a localidade com a passar do tempo e pela distancia que se encontrava da sede do município novamente ficou largada a própria sorte. Então uma comissão formada por líderes comunitários iniciou a campanha pela emancipação política da comunidade.

A campanha pela emancipação teve inicio no dia 2 de novembro de 1990 com a conscientização da população.

Essa comissão juntamente com a comunidade prosseguiu a caminhada a luta pela conquista da emancipação. Por determinação do Tribunal Regional Eleitoral, realizou se plebiscito em 10 de novembro de 1991 onde o sim foi maioria dando inicio a uma nova pagina na história desse povo. Morrinhos agora passava a pertencer ao município de Morrinhos do Sul, e não mais a

Torres, foi acrescentando a seu nome o “do sul”, pelo motivo de já existir um município com este mesmo nome no estado de Goiás. E no dia 20 de Março de 1992 o município se tornou realidade.

Nossa cidade evoluiu com a emancipação, podendo hoje contar com postos de saúde, transporte escolar em todos os níveis de ensino inclusive disponibilizando o transporte universitário para Torres, estradas mais acessíveis para a escoação agrícola, sindicato dos trabalhadores rurais com sede própria, correio, ginásios de esportes, um pequeno mais diversificado comercio suprindo a necessidade da população e um fácil acesso a telecomunicação como telefonia fixa e móvel e internet.

Agora será a hora da troca de papeis, ate o presente momento trabalhamos com a idéia do resgate da memória, mas a partir de agora será construído a memória para o futuro. Os alunos novamente serão divididos em grupo onde abordarão os mesmo temas trabalhados durante o projeto so que agora quem responderá serão eles mesmos.

Como esta a educação local? Contamos com boas escolas? Professores, como esses fazem para chegar ate o estabelecimento de ensino, como se comporta o educador em sala de aula, os materiais são acessíveis?

A saúde como anda? Todos têm acesso a médicos, medicamento, se ainda é utilizado algum remédio caseiro, como e realizado os partos, o tempo em media que uma pessoa leva para ser socorrida?

O casamento as cerimônias ficaram no passado, ou ainda é realizado com freqüência? De que maneira é feita as festas? Como é realizado o transporte dos convidados.

E o lazer as festas religiosas ainda são realizadas? Como os jovens se encontram hoje? De que forma se comunicam como é registrado estes momentos.

A escoação Agrícola é feita de que maneira, como funciona o comercio local, existe alguma empresa ou fabrica no local?

E quem são os habitantes hoje deste bairro? Existem pessoas de outras culturas? Qual é o habito destes cidadãos? Como se vestem, qual é o tipo de musica, existem alguma comida local, como é a relação pessoal, as famílias ainda se reúnem em finais de semana, qual é o lazer destas?

Com isso os alunos farão um paralelo entre o passado e o presente para tentar modificar futuro. Para de este modo modificar a estrutura da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jamais será possível chegar a uma resposta exata deste questionamento, como esta sociedade foi exatamente construída, pois a humanidade esta sempre em movimento ainda mais hoje onde tudo é instantâneo o que agora é lançado daqui a segundos ja esta ultrapassada por algo mais moderno. Muitos fatos continuaram a espera de uma solução, onde muitas vezes não se consegue ir em busca desse elo perdido da história do homem na sociedade.

Talvez se os alemães que aqui chegaram à região de Torres tivessem tido as mesmas oportunidades recebidas pelos imigrantes do vale dos sinos, poderíamos ser uma grande potencia. As colônias alemãs que se fundaram na mesma época que São Leopoldo, na região de Torres. Devido ao isolamento e a ausência de conexões comerciais com Porto Alegre levou a colônia a involução, perdendo-se em grande parte as características étnicas. No caso se estivesse abrindo o canal, há muito tempo planejado, interligando as muitas lagoas, estas férteis regiões seria uma grande potência estadual. Os católicos ficaram entregues a própria sorte adotaram uma mistura de costumes bugres e lusos para conseguirem sua sobrevivência.

Este trabalho esta distante de um final e talvez ainda por muito tempo pessoas com este mesmo interesse consigam ir em busca desta história de luta e persistência. Desta sociedade praticamente desconhecida do restante das pessoas.

REFERÊNCIAS

MAUCH, Cláudia. *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Rd. ULBRA, 1994.

BARROSO, Vera Lucia Maciel. BROCA, Maria Roseli Brovedan. Porto alegre EST, 1996.

LANDO, Aldair Marli. *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1996.

RAMBO, Arthur Blasio. *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul-1824 1924*. São Leopoldo. Ed unisinos, 1999.

SELAU, José Krás. *Imigração Alemã em Torres- Por quê?* Jornal Gazeta, 1999

ELY, Nilza Huyer. *Torres, marcas do tempo: II Simpósio sobre Imigração Alemã no litoral norte*. RS. Porto Alegre: EST, 2003.

WEBBER, Ilva. *Imigração alemã no município de Morrinhos do Sul*. 2003

<http://www.pmmorrinhosdosul.com.br/>

Euclides Raupp

Geroni Carlos Webber

Jose Faustino Borges

Mario Model Webber

